

GRAFO DO DESEJO COMO TEORIA DA LINGUAGEM: INTENCIONALIDADE E ATOS DE FALA

THE GRAPH OF DESIRE AS A THEORY OF LANGUAGE: INTENTIONALITY AND SPEECH ACTS

Leonardo Domingos Braga da Silva¹
<https://orcid.org/0000-0003-3926-4321>

RESUMO

Este estudo visa responder ao que ocorre quando o animal humano entra em contato com a linguagem. Para tanto, busca em autores da filosofia e psicanálise essa resposta, sobretudo Slavoj Žižek e Jacques Lacan. A resposta encontrada está na teoria da linguagem de Jacques Lacan: por ser falado e para responder ao apelo do Outro, a parte animal do humano é elidida, restando acesso a ela pelo imaginário, como identificação. Assim, o ato de se comunicar leva à constituição da identidade através da pergunta: “quem e o que sou para o Outro e para mim?”. A identidade e a fantasia são os aspectos da resposta a essas perguntas, articulando identidade e *coisidade*. No seio dessa articulação e sujeição, a partir de um questionamento, a subjetividade ganha forma como um efeito. O estudo exhibe, por fim, o grafo do desejo como uma explicação detalhada desses processos.

Palavras-chave: psicanálise; linguagem; grafo do desejo; identidade; subjetividade.

ABSTRACT

We seek to answer, in this work, what happens when the human animal comes into contact with a language. To that end, we sought this answer from authors from philosophy and psychoanalysis, especially Slavoj Žižek and Jacques Lacan. The answer is founded in Jacques Lacan's theory of language: because it is spoken and to respond to the Other's appeal, the animal part of the human is eliminated, leaving access to it through the imaginary, as identification. Thus, the act of communicating leads to the constitution of identity through the question: 'who and what am I to the Other and to me?'. Identity and fantasy are aspects of the answer to these questions, articulating identity and thing. Within this articulation and subjection, through questioning, subjectivity is formed as an effect. Finally, we show the desire graph as a detailed explanation of these processes.

Keywords: psychoanalysis; philosophy of language; graph of desire; fantasy; subjectivation.

¹ Mestrando em filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (UFRN). Bacharel em Sociologia pela UFRN.

1. INTRODUÇÃO

Dize-me, Crísis, sem mentir: sou eu por acaso muito feia? Estou mal-arranjada? Algum defeito prejudica minha beleza? Dize a verdade à tua senhora. Sou culpada, certamente, mas de que? (PETRÔNIO, 1970, p. 132).

Anthony Giddens (2009) elaborou a teoria da estruturação buscando um modo de descrever sociologicamente uma sociedade, destacando três dimensões dos sistemas sociais: significação, dominação e legitimação. Para ele, a significação de uma palavra numa comunidade linguística se baseia em normas e convenções; a última sendo uma solução das dificuldades de coordenação das ações dos diversos atores, de modo que os atores envolvidos agirão do modo que espera que os outros esperem dele. O autor utiliza da abordagem pragmática e critica o estruturalismo por tender “a considerar os signos como as propriedades dadas da fala e da escrita, em vez de examinar seu embasamento recursivo na comunicação de significado” (GIDDENS, 2009, p. 36) e assim a semiótica saussuriana ficaria cega ao fato de o significado ser gerado pela atividade cotidiana e suas regras.

Na abordagem pragmática de John Dewey – um dos autores que influenciam Giddens – sobre a linguagem:

“Significado... não é uma entidade com existência física; ele é primariamente uma propriedade do comportamento que o aprendiz [da linguagem] tem” (DEWEY, 1925, p. 179, tradução nossa)². Para ele, além de aquele que ainda não fala aprender a linguagem por ouvir e copiar as palavras do outro que fala, é preciso que os envolvidos vejam o objeto em torno do qual as palavras se articulam.

Além disso, é preciso se portar de acordo com o que é dito, demonstrando, pelo comportamento, o entendimento do discurso: “A teoria característica sobre o entendimento de B dos sons feitos por A, é que ele responda à coisa do ponto de vista de A” (DEWEY, 1925, p. 178)³. Todavia, pensamos que a dimensão subjetiva escapa a essas abordagens⁴, de modo que, uma consideração da teoria da relação entre o animal da espécie humana e a linguagem seria adequada à compreensão daquele que a sociologia de Giddens reconheceu como um dos três pilares dos sistemas sociais, a linguagem e a comunicação.

A abordagem pragmática é uma descrição apropriada dos jogos de linguagem, mas, ao observarmos o pensamento de Jaques Lacan, temos uma descrição mais sutil que perpassa tanto a significação e o discurso quanto a ação. Se for preciso, como Dewey (1925) diz, agir em conformidade, agir adequadamente para mostrar

² “Meaning... is not a psychic existence; it is primarily a property of behaviour the learner has” (DEWEY, 1925, p. 179).

³ The characteristic theory about B's understanding of A's sounds is that he responds to the thing from the standpoint of A” (DEWEY, 1925, p. 178, tradução nossa).

⁴ Frederich Vandenberg afirma que a ordem simbólica sempre precede a ação e critica as teorias da ação focadas na razão entendida como cálculo: “Se a ação for reduzida à escolha racional e as condições materiais da ação forem conhecidas, o curso racional da ação pode ser determinado quase automaticamente” (VANDENBERG, 2013, p. 22); assim, a compreensão da agência por Giddens pode reduzir o humano a uma máquina de calcular.

que entendemos o sentido, então, é solicitado do ouvinte um comportamento adequado, e o falante deve possuir um esquema de como esse comportamento deve ser. Assim, a linguagem passa a ser uma prática de fazer os outros se comportarem em relação a si e ao mundo dos afazeres. Mas, qual a intenção por trás desses jogos comunicativos? A comunicação é um fim em si mesmo ou é um meio para atingir outros fins sociais? Existe algo que é comunicado e que está além dos signos? É o que Lacan buscou compreender e aprofundaremos neste estudo.

Analisaremos o grafo do desejo e o conceito de fantasia, entendendo-os como uma descrição do modo como o sujeito, ao falar, identifica-se com sua intenção comunicativa, que, provavelmente, não existe previamente à enunciação, de modo que a linguagem ultrapassa sua condição de ferramenta para a construção dos afazeres humanos. Utilizando a distinção, na qual Lacan insiste, entre o sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação, sublinhamos que os atos comunicativos (cuja estrutura é: o proferimento discursivo P de X implica Q, um sentido) ultrapassam o simples movimento calculado de peças num jogo de linguagem, pois há aquele que move as peças e que se relaciona com os atos que efetiva no jogo (assim: a pessoa X implica Q e descobre a implicatura de seu proferimento e se relaciona com ela). Acreditamos que os jogos comunicativos conteriam um elemento bem explorado pela psicanálise: a intenção⁵ S de X ao implicar Q, elemento que pode ser expresso como: “o que quer?”. A pergunta é tanto sobre o querer impessoal

(sem haver clara identificação com o querer e imputação ao outro) quanto sobre a própria imputação do desejo (que quer o outro?) e a identificação (o que eu quero?). De modo que, quando o sujeito faz algo (como um ato falho) considera-se ou se declara como aquele que o fez e, a partir dessa declaração, faz algo novo. A transformação subjetiva ocorre ao declarar, no momento reflexivo do dizer e não no agir: “cada elocução não só transmite um conteúdo, mas ao mesmo tempo determina como o sujeito se relaciona com esse conteúdo” (ZIZEK, 2013, p. 61).

2. DISCUSSÃO

O grafo do desejo interessa, especialmente, no instante em que a questão impessoal “o que quer?” torna-se pessoal: “o que quer de mim?”. A fantasia é a resposta a essa pergunta e por isso é a própria estrutura da identificação do sujeito, de sua identidade, por lhe dizer seu lugar no mundo. Além disso, essa declaração que estabelece simultaneamente sua relação com o sujeito é caracterizada por Slavoj Žižek como ideologia da vida cotidiana, de modo que as identidades não passam de fantasia/ideologia, pois ocultam o fato de não termos acesso ao nosso “si mesmo” numenal, isto é, não sabemos, em última instância, o que somos e toda tentativa de saber isso é provisória e sujeita àquilo que é efetivado, feito, dito, realizado.

O pressuposto do qual uma hermenêutica do humano e toda ontologia

⁵ Não se trata do conceito de intensão da tradição analítica, entendida como extensão da expressão.

deve partir é o que Lacan chama de o fato da submissão do pedaço de carne à linguagem humana e sua conseqüente transformação em sujeito, ou seja, o fato de que a substância vivente é submetida ao simbólico:

A psicanálise nos mostra, essencialmente, o que chamaremos de captura do homem no constituinte da cadeia significante. Essa captura está, sem dúvida, ligada ao fazer do homem, mas não é coextensiva a esse fazer. Se o homem fala, para falar ele tem de entrar na linguagem e num discurso preexistente. [...] toda a psicologia desliza sobre isso (LACAN, 2013, p. 20).

Significa que o humano não começa lutando contra a natureza ou fazendo trocas na comunicação com vista a uma utilidade, mas no estado de passividade absoluta, jogado no mundo aos cuidados de outro. A primeira coisa com a qual o bebê humano deve lutar é esse fato antropológico da sua passividade diante do Outro, a alteridade radical que dele cuida. No início do desenvolvimento do bebê, provavelmente, não lhe ocorre a ponderação de que esse outro seja só mais um entre muitos, ou outras relativizações da relação; do contrário, a relação tem tudo para lhe aparecer com a marca do absoluto. Entretanto, os infantes recebem cuidados de um outro que possui cultura. O pedaço de carne, portanto, está desde antes de seu nascimento, talvez desde muito antes do nascimento de seus avós, classificado, simbolizado⁶.

Diretamente, é claro, receberá os significantes por aqueles que dele zelam, são esses que entregarão os símbolos nos quais o bebê poderá se identificar. Entretanto, não foram eles que os criaram; nem, relativamente, foram eles os articuladores daquilo que aparece mais imediatamente, o mundo. Na analítica existencial, Heidegger expressa algo similar sobre os humanos: “numa primeira aproximação, a presença fática está no mundo comum, descoberto pela medianidade” (HEIDEGGER, 2015, p. 187), isto é, o humano está, em primeira instância no mundo que é desvelado pelos outros, pela tradição, pela história humana que se presentifica no modo comum de ser e habitar. Conceitos abstratos como “cultura”, “sociedade”, “simbólico” e “linguagem” podem nomear a “fonte” do ser que será dado aos entes e ao ente que nasceu.

Como acontece com toda nomeação, os significantes se impregnam no sujeito e efetivam um tipo de transubstanciação que foi bem exemplificada por Maurice Blanchot (2011) ao tratar da substantivação: ao chamar o gato de gato, mato o gato, de modo que, não é que “gato” seja um nome para uma coisa, um som neutro que se liga a um objeto substancial, antes, o nome é um “objeto” de tipo diferente que sobredetermina o objeto “gato”, destrói sua existência na condição de ente e o faz existir no mundo das ideias, no reino do ser. O mesmo processo se dá com o humano ao receber os “nomes” que os outros lhe dão.

⁶ Como expresso pelo sociólogo Anthony Giddens (1996, p. 135): “se a criança não nasce como um ser reflexivo, nasce com desejos, uma série de necessidades orgânicas para a provisão das quais depende de outros e que medeiam o seu envolvimento crescente num mundo social definido. Assim, o primeiro período de socialização poderá implicar o desenvolvimento da capacidade para gestão de tensões, pela qual a criança se torna ativamente capaz de adequar os seus desejos às exigências e expectativas de terceiros”.

A transubstanciação se deve a uma falta originária de determinação ontológica no humano que nele atua como um fundamento que é, paradoxalmente, um nada: “a falta (de ser) no ser humano é um dado antropológico (ontológico) do ser de uma espécie singular” (SOUSA FILHO, 2017, p. 153). Sendo um pressuposto, um fundamento das ciências humanas, que consequências decorrem disso? A consequência direta é que essa falta nos põe na dependência do outro que nos aparece como absoluto, como “nossa única chance”, portanto, Outro (maiúsculo). É a “falta de garantia ontológica fora do jogo de significação” (ZIZEK, 2013, p. 198), falta de possibilidade de ser fora do universo humano e de ter acesso a si imediatamente.

Nos termos de Lacan, o pedaço de carne recebe como primeiro estímulo do meio externo (alteridade ou Outro) algo que vem codificado, de modo que as necessidades da carne (comida, sono, higiene etc.) são ordenadas nesse código. Por exemplo, as ciências da saúde dizem como cuidar dos infantes, submetendo-os à necessidade⁷ de comer numa regularidade de tempo o conteúdo x e y. Assim, o que está na base da relação com a cultura e linguagem não é a necessidade biológica.

A elaboração de Lévi-Strauss (1995), de que um significante força a função simbólica foi adaptada por Lacan (1988b) nos termos de um impulso a classificar e dar sentido, constituindo o simbólico, que é (1988b), a função simbólica ou inconsciente é aquilo que age pelo “estímulo” de um significante, qualquer coisa tendo potencial para se tornar significante,

forçando a atribuição de sentido, classificação e ordenação. Todavia, como chama atenção Zizek, não é possível conceber o primeiro significante ou a gênese da função simbólica, ocorre uma súbita passagem do nada ao conjunto estrutural da língua, ainda que seja um conjunto muito simples, com poucos significantes:

A ideia estruturalista é que não se pode imaginar a gênese do simbólico (da ordem simbólica): uma vez aqui presente, essa ordem está sempre-já aqui, não se pode sair dela; tudo o que se pode fazer é contar mitos sobre sua gênese (no que Lacan se engaja ocasionalmente) (ZIZEK, 2017, p. 141).

Uma vez estabelecido o simbólico, o sistema de significados e significantes, a necessidade do bebê será imputada e reconhecida pelo Outro (como código e cultura). Mas, a “intencionalidade” do infante, que pode ser entendida como o primeiro motor da dialética da identificação e do desejo, conforme Lacan (2013), deve passar pelo código, sendo ele entendido de modo estruturalista, para o que o pensamento de Ferdinand Saussure, de forte influência sobre Lacan, é ilustrativo: Saussure inaugura uma abordagem da língua que privilegia não os atos de fala, mas uma abstração, um ente hipotético, formado por sistemas de oposições em que um elemento remete a outro, pois nenhum elemento atômico desse sistema possui sentido positivo. A linguagem é esse sistema funcionando a partir da identidade e diferença entre os signos, caracterizado pela união de um conceito com uma

⁷ A própria noção de necessidade já é da cultura enquanto imputação ao bebê de uma interpretação de seu ser como dependente de algo (como a amamentação, o amor parental etc.). Esse algo varia culturalmente.

imagem acústica⁸, constituindo um arranjo das possibilidades do dizer. É compreendida, portanto, por elementos e suas leis de associação, como exemplificado pelo autor (SAUSSURE, 2004): em sincronia, a palavra “autonomia” retira seu sentido da oposição com “independência”, “liberdade”, “individualidade” etc. Saussure afirma que se a língua humana se reduzisse a dois signos, por exemplo, “da” e “to”, toda a gama de pensamentos humanos seria forçada a se encaixar em um dos dois termos. Portanto, a linguagem depende dos significantes mais do que dos significados, sendo a relação entre os primeiros que determina a relação entre os últimos. Para Lacan (2013) o sujeito é constituído por sua relação com os significantes.

Lacan (2013) pensará que, no sentido temporal, na diacronia, na diferenciação (no uso de significantes) que é produzida pelo entrar da intencionalidade do animal humano no código da linguagem, a mensagem do sujeito falante retorna para ele mesmo. É precisamente o que o grafo do desejo faz ver: a fala, essencialmente diacrônica pela sucessão de significantes, curva-se delimitando uma mensagem, um conjunto de significantes a partir dos quais o sujeito se identifica. Conforme Lacan (2013), não sabemos o que queremos, a intencionalidade é determinada pela participação no código, momento que constitui o sujeito e lhe permite reconhecer qual era de fato sua intenção, mas somente *a posteriori*, só retroativamente. Não sabemos o que queremos até falar; ao falar, nós o descobrimos.

Desde o começo de seu ensino, no seminário 1, Lacan (1988a) tinha em mente aquele momento analisado por Althusser (1980) em *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, em que um sujeito entende o chamado do policial como se referindo a ele. Trata-se do processo em que um sujeito A mostra ao sujeito B que compreendeu a mensagem a partir de seu comportamento (como pensado por DEWEY (1925)); identifica-se como o remetente da mensagem e age de acordo. Além disso, a citação a seguir leva em consideração que a referência ao outro é prévia à consciência:

Se eu digo “virarás à direita”, é para permitir ao outro ajustar a sua linguagem à minha. Penso no que se passa na cabeça dele no momento em que lhe falo. Esse esforço para chegar a um acordo constitui a comunicação própria à linguagem. Esse tu é tão fundamental que intervém antes da consciência (LACAN, 1988a, p. 11).

O grafo do desejo descreve esse processo que se passa na “mente”⁹, em que o sujeito se identifica com o dizer. É preciso chorar para que o bebê descubra que “quer” o leite (a mãe interpreta o choro como sinal de fome). Mas ainda se poderia argumentar contra Lacan: o significado da frase e a intenção por trás desse significado são distintos? A solução dada por Lacan (1998a) parece ser que, na maior parte do tempo, essa separação é reconciliada num tipo de coincidência retroativa entre o dizer e a intenção, mas nem sempre a

⁸ Ambos, bem entendido, entidades psíquicas e não físicas, nos termos de Saussure (SAUSSURE, 2004).

⁹ Usamos aspas, pois a metafísica cartesiana da mente e estados interiores não faz sentido em Lacan. O interno é externo, Extimo. Lacan concorda com Heidegger sobre a Ekstase como “essência” do humano, ou seja, o humano é o que está posto para fora de si.

intenção, como pertencente à esfera do desejo, possui alguma autonomia.

2.1 PROLEGÔMENOS

Em seu artigo *Subjetividade e concepções de linguagem*, Almeida (2010) elabora uma compreensão da diferença entre Freud e Lacan. Para o autor, cada modo de conceber a linguagem implica uma mundivisão diferente: Freud elabora uma teoria sobre a linguagem (entendida como denotativa do mundo) que afeta o comportamento, de modo que curar é fazer a linguagem denotar corretamente. Almeida acredita que, por ser uma psicologia internalista, é difícil enxergar seus momentos sociais. Em contrapartida, Lacan (1988a) situa-se na virada linguística e resolve problemas metafísicos ignorados por Freud. Lacan tenta construir uma ciência da subjetividade, embora com aspectos idealistas, não concebendo um “lado de fora” e fazendo do mundo um sentido linguístico em que os signos são mais reais que a coisa simbolizada. Em Lacan (1988a), a subjetividade é o reflexo de vínculos culturais, de modo que, desejos, crenças e paixões não estão no teatro interior da mente, mas na relação entre “eu” e “outro”. Todavia, noutro artigo, Almeida (2005) afirma que o Freud empirista e naturalista só existiu até 1920, ano de publicação da obra “para além do princípio do prazer”, após a qual, a “inexplicabilidade da compulsão à repetição força à remodelação da arquitetura

conceitual da psicanálise em termos mais metafísicos do que propriamente empiristas” (ALMEIDA, 2005, p. 127).

Podemos encontrar momentos sociais mesmo em Freud, pois a gestão do desejo orgânico é a primeira e mais importante adequação da criança ao mundo, de modo que o inimigo do desejo do agente, em Freud (1996), não é um pai, como uma pessoa concreta, mas *Das Kultur*, a própria cultura, que é o fundamento do mal-estar (*Das Unbehagen*). Uma leitura de seu livro *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1996)¹⁰ mostra, em tese, que a castração é já o conflito entre o que poderia ser lido como o corpo animal e o mundo humano.

Nesse sentido, a linguagem é compreendida por Lacan (1988a) como limite do mundo, e por isso atua como a própria castração contra a qual o sujeito deve se defender. Devido a esse conflito, Lacan (2013) pergunta, em *O Seminário 6*, se o desejo seria contrário a toda possível organização, tendo propriedades opostas às da vontade, que seria uma intencionalidade dirigida pelo ego, controlada. Lacan acredita que a experiência do desejo, em alguma medida, contém algo (real) que escapa a toda organização ou submissão à cultura e assim temos a dissolução da oposição entre sujeito e objeto. A pulsão é o nome para esse aspecto que está no terreno da não coordenação das tendências, um resto não simbolizável. Já a fantasia é precisamente “uma espécie totalmente caracterizada no interior dessa vaga determinação designada como a não oposição entre o sujeito e o objeto” (LACAN, 2013, p.18), pois se trata

¹⁰ Freud, S. (1996). *O mal-Estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1929).

da articulação efetiva entre o sujeito e o aspecto anárquico de seu desejo, entendendo-se por objeto o aspecto material, substancial do sujeito.

A partir da pulsão, podemos afirmar que não somos simples máquinas computacionais que respondem ao contexto, como que por estímulo e resposta, pois há intensidades nas palavras. Como se faz notável na experiência de falar uma língua estrangeira e de falar uma língua materna, a materna possui mais intensidade, afirma Lacan (2013). Embora exista o jogo de linguagem e a estrutura de significantes (o que as coisas valem umas em relação às outras no sistema da própria linguagem); pensando o xadrez como exemplo¹¹, existe o jogador e para ele um cavalo pode valer mais do que uma rainha, sem, com isso, mudar as regras do jogo. Ele joga de um modo a privilegiar os cavalos de certo modo, ou até joga do modo mais frio possível, baseando-se integralmente no cálculo da melhor jogada possível para cada situação, mas mantendo especial apreço pelos cavalos. Num caso, há mudança de comportamento visível e efetiva no jogo, no outro não.

O que poderia ser a fonte dessas “intensidades” idiossincráticas seria a única substância que a psicanálise postula, aquilo que Freud chamou de *libido*, que é uma das faces da pulsão, e Lacan (1988b) chama de *jouissance* (gozo). Tal substância forma um campo que se condensa num ponto, o objeto causa do desejo, *objeto a*. O gozo é o aspecto anárquico do desejo que configura o caráter particular de uma pessoa, ou mais precisamente sua identidade como, pondo grosseiramente,

jogador de xadrez que aprecia os cavalos e repetidamente perde por causa disso. De certo modo, é aquilo que faz o sujeito ser ele mesmo no que há de repetição em seu agir, ainda que ele não saiba quem ele é.

O psicanalista J-D Nazio diz que, com a noção de gozo, Lacan se liberta da explicação mecanicista e econômica do funcionamento psíquico que talvez Freud tenha privilegiado: “o gozo é [...] um lugar vazio de significantes” (NAZIO, 1993, p. 39), de modo que conhecemos apenas suas fronteiras, não sabemos sua natureza. Conforme o autor, o gozo seria como uma energia do inconsciente quando ele trabalha. O inconsciente trabalha, garante a repetição, e nisso goza, e completa: “o gozo é que o ser, ao cometer um equívoco, põe em ato o inconsciente” (NAZIO, 1993, p. 43). O inconsciente é uma cadeia de significantes em ato na qual falta o elemento que representaria o gozo. O gozo é uma das faces da pulsão, essa se manifesta como repetição: “enquanto houver gozo, haverá vida, pois o gozo não é outra coisa senão a força que assegura a repetição, a sucessão inelutável dos acontecimentos vitais” (NAZIO, 1993, p. 43).

Como pensada por Lacan, a libido ou o gozo seria a propriedade de um órgão especulativo-metafórico no registro do real: “Essa lâmina, esse órgão, que tem por característica não existir, mas que não é por isso menos um órgão (LACAN, 1988b, p. 186). Esse órgão suposto aponta para aquilo que falta ao sujeito como ser finito e determinado pela linguagem, ou seja, a substância vital, o biológico, a animalidade pura:

¹¹ Tanto Ferdinand de Saussure (2004) quanto Wittgenstein (2016) utilizam o xadrez como exemplo para tratar da linguagem.

É a libido, enquanto puro instinto de vida, quer dizer, de vida imortal, de vida irrepreensível, de vida que não precisa, ela, de nenhum órgão, de vida simplificada e indestrutível. É o que é justamente subtraído ao ser vivo pelo fato de ele ser submetido ao ciclo da reprodução sexuada. E é disso aí que são os representantes, os equivalentes, todas as formas que se podem enumerar do objeto *a* (LACAN, 1988b, p. 186).

O objeto causa do desejo ou *objeto a*, condensador de gozo, é o representante da substância vital mítica que falta aos humanos. Žizek (2017, p. 93) afirma que o ponto de Lacan é revitalizar o acontecimento cartesiano, isto é: Descartes traz com o cogito a noção mesma de sujeito freudiano: “um sujeito surge quando um indivíduo é privado de seu conteúdo substancial”, a personalidade, as emoções, habilidades etc. Trata-se de uma imaginária substância do eu, enquanto o sujeito, em seu nível zero, é uma pura casca vazia, esse é o sujeito freudiano, sujeito a uma pulsão autônoma. Além disso, esse objeto representa o aspecto de coisa a partir da qual o sujeito é tomado pelo Outro e pelos outros, aplicando-lhe categorias, adjetivos, e tomando como objeto de desejo e causa do desejo. Ou, nos termos de Heidegger, também somos tomados pelos outros como seres simplesmente dados, ou seja, entes que têm o modo de ser de coisas e substâncias, objetos.

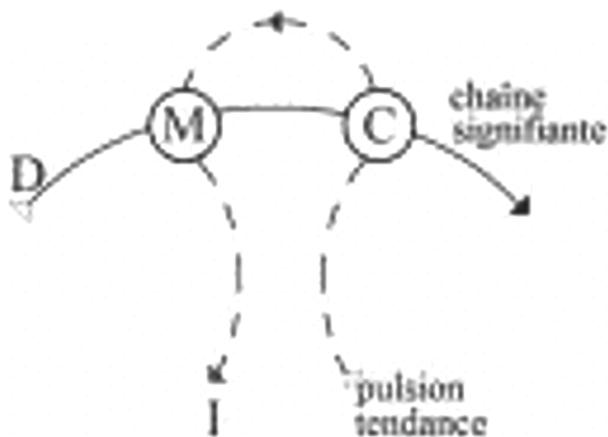
Lacan afirma que a subjetividade humana está inelutavelmente capturada na linguagem, de um modo que, com relação ao par estímulo e resposta, o estímulo é dado em função de um código “que impõe sua ordem à necessidade, à qual nele tem de se traduzir” (LACAN,

2013, p. 20). Conforme o autor, se numa rã é feito cócegas em seu pé, ela responde com distensão muscular, como resposta ao estímulo, já na subjetividade, há emissão de um significante como resposta. Desse modo, o humano é constituído por um conflito interno entre a animalidade (a substância vital ausente) e a linguagem, não sendo adequado reduzir a posição lacaniana a um lugar comum pós-estruturalista que afirmaria que “somos falados pela linguagem”, usados pelo que usamos. Se, em parte, seria uma afirmação verdadeira em relação à teoria lacaniana, por outro, deixaria escapar exatamente a tensão constitutiva e essencial da existência humana, como destaca Žizek, rebatendo um argumento parecido em Heidegger:

Ao contrário, a questão é que Heidegger deixa escapar o impacto particularmente traumático da própria passividade de nosso ser preso na linguagem, a tensão entre o animal humano e a linguagem: existe um “sujeito” porque o animal humano não “se encaixa” na linguagem, o “sujeito” lacaniano é o sujeito torturado, mutilado (ŽIZEK, 2013, p. 506).

É a partir desse conflito que a existência se afirma em sua dimensão criativa. Fugimos à rede causal, a uma simples programação pela linguagem. No grafo do desejo, esse conflito reaparece.

2.2 O GRAFO

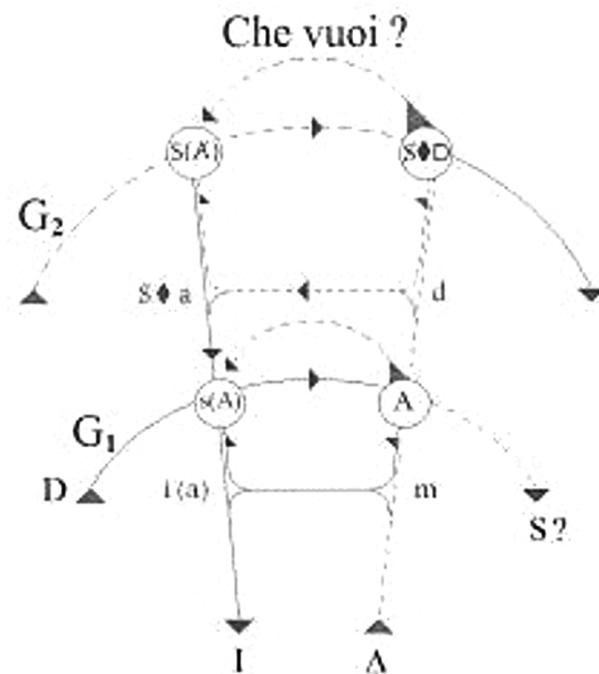


Primeira etapa do grafo. Lacan, J. *Le Seminaire, Le Désir et son interpretation*, 1958-1959, Lição de 12 Novembre 1958. Acesso em 28 de março de 2021. Recuperada de <http://staferla.free.fr/>. (Acesso livre)

O grafo acima é explicado por Lacan (2013), em *O seminário 6*, como o nível mais simples e primário do grafo do desejo, em que do “Isso” parte a intencionalidade (representada como linha pontilhada) do que ainda não é propriamente um sujeito, a pulsão. Ela corta a cadeia dos significantes, emitidos nos atos humanos (representada pelo D maiúsculo), no ponto de encontro C que é o código; onde M é o segundo ponto de intersecção, que, segundo explica Lacan (2013, p. 21), é “onde se produz a mensagem”. A intencionalidade que parte do “Isso” tem uma essencial orientação espacial da esquerda para a direita, indicando o efeito de retroatividade do ato significativo. No caso da fala, a mensagem só se forma após cada um dos significantes ser proferido,

encerrando a cadeia diacrônica dos signos, de modo que o autor afirma que a significação é, de certo modo, adiada:

Com efeito é sempre por um jogo retroativo da sequência de significantes que a significação se afirma e precisa. É a posteriori que a mensagem toma forma, a partir do significante, do código, que está ali à sua frente (LACAN, 2013, p. 21).



Grafo completo. Lacan, J. *Le Seminaire, Le Désir et son interpretation*, 1958-1959, Lição de 29.4.1959. Acesso em 28 de março de 2021. Recuperada de <http://staferla.free.fr/>. (Acesso livre)

Essa segunda imagem representa a última etapa do grafo do desejo, sua completude. Constitui-se nela o que Lacan (2013) chama de “dois andares” no grafo. Segundo o autor, os dois estão em funcionamento simultâneo, no menor

ato de fala. Para elucidar como se deve ler o grafo, deve-se levar em consideração que os processos partem ao mesmo tempo dos quatro pontos: de “Isso” (delta) para “I” (identificação); de “A” (Outro, código) para “s(A)” (significante do Outro); de “D” (cadeia significante) para “S” (significante). O “S” (mais A barrado) é o significante da castração. O “m” representa a palavra francesa “moi” (eu). O “i(a)” significa o outro em sua abordagem imaginária. Nessa etapa do grafo, temos “m(oi)” representando a formação imaginária do eu; e o outro é representado como “i (a)”, que é a imagem especular do outro (neste caso, minúsculo, o outro das interações); “trata-se da experiência com o semelhante na medida em que ele é olhar” (LACAN, 2013, p. 23).

A formação do \$ e do objeto a, isto é, da subjetividade e da *objetividade* (estado de objeto) ocorre “nesta falta de ser, ele se dá conta de que o ser lhe falta, e [...] ele se imagina como um objeto a mais” (LACAN, 1985, p. 280-281). O estágio do espelho mostra uma lógica similar: o bebê se descobre na imagem especular num momento em que ainda não possui controle sobre o corpo, e por isso, percebe-o esfacelado, até ser chocado com uma imagem inteira, fornecida pelo espelho. Mas não é preciso um espelho físico, o olhar do outro pode fazer essa função. Recebendo esses estímulos, ou significantes do Outro, o bebê deverá, ou ocasionalmente o fará, emitir algum tipo de resposta ao se perceber como objeto para o outro. É esse o contato primário com a substância corporal, tomada sempre especulativamente pelo sujeito, simbólico e imaginariamente.

Mesmo em Lacan (2013), a presença do outro é incorporada num esquema que aparenta solipsismo, uma vez que o outro é posto como imagem especulativa criada pelo sujeito da intencionalidade. Mas seria uma leitura equivocada, pois o próprio outro, em sua dimensão física e material, é suplementado por uma imagem de si mesmo que é formada nas interações. O ego foi pensado por Lacan como um mecanismo de defesa contra o desamparo, o que pode sugerir uma ausência do outro, mas o que realmente está ausente é a “natureza humana”, de modo que o desamparo se dá em face do Outro que está presente inescapavelmente como mundo humano já constituído no qual é preciso entrar. O Outro aparece com a marca do absoluto em relação ao qual o sujeito se vê castrado, impotente.

O ego que se constrói é algo que não reflete apenas o aparecimento do sujeito para o outro, mas para si mesmo: o ponto de saída do grafo é o lugar de referência onde o desejo vai aprender a se situar, a fantasia. “\$↘a” (leia-se sujeito barrado pulsão objeto a), marca o lugar da fantasia e o encontro e a formulação do sujeito com o seu gozo, o “\$” é sujeito como falante na medida em que se refere ao outro imaginário. Trata-se do sujeito do estágio do espelho, dividido (barrado) entre a caoticidade real de seu corpo inarticulável em totalidade e a imagem do espelho ou do olhar do outro que lhe oferece um aspecto de totalidade. O segundo andar do grafo acontece na medida em que o suporte da fala, o fundo real sobre o qual a fala existe (que é o sujeito) é marcado pelo Outro e pela linguagem. Ele é produzido na linha pontilhada que representa

o sujeito como suporte real da fala, ou seja, mostra o processo de divisão entre a substância natural e material (corpo biológico, *res extensa*) e a cultura. Essa leitura poderia sugerir uma sobrevivência da metafísica cartesiana criticada por Heidegger, a separação entre *res extensa* e *res cogitans*, mas não resolveremos esse problema neste estudo, apenas sugerimos que Lacan (1985a) trata a linguagem como ser simplesmente dado e o sujeito como uma ausência de ser simplesmente dado. Essa divisão é a base do processo de subjetivação que advém da separação entre a intenção comunicativa e a mensagem comunicada:

[...] o processo da enunciação se distingue da fórmula do enunciado e a ela se superpõe, a captura do sujeito na articulação da fala, captura que era inicialmente inocente, torna-se inconsciente. [...]. Portanto, o que se produz nessa segunda etapa nos permite localizar, lá onde no primeiro esquema estava a mensagem, o surgimento do que é significado do Outro, s(A), por oposição ao significante dado pelo Outro S(A)” (LACAN, 1985a, p. 25).

O que está na origem do grafo (Isso representado por delta) pode ser pensado como a eclosão da necessidade do bebê, e no fim da cadeia intencional está a primeira identificação (I). A primeira etapa se refere ao infante que mal sabe falar e necessita dos cuidados do Outro (A). Sua necessidade é genérica, é necessidade do cuidado. Necessidade biológica na medida em que a biologia é uma falta e necessidade ontológica: pois, no humano, o biológico não se determina como presença, mas como ausência. Se o

instinto animal pode ser visto como um tipo de saber, um conhecimento procedural em relação ao mundo, nos humanos, esse tipo de saber (instintual) falta. Porém, há outro saber que é o precipitado cultural que forma o inconsciente e a linguagem.

O Outro (A) é aquilo com que o sujeito tem de lidar e que lhe aparece com a marca do absoluto: “O Outro em questão é aquele que pode dar ao sujeito a resposta [...] a seu apelo” (LACAN, 2013, p. 23), que pode dar resposta à sua demanda. O apelo pode ser lido a partir de Ser e Tempo, nesses termos do estranhamento, do “não-sentir-se-em-casa” (castração), advém o chamado, o apelo para ser si mesmo e se pôr na ação fática. A ação pode ser lida como o comportamento que Dewey (1925) considera parte dos atos comunicativos, é preciso se portar adequadamente em relação ao que o outro diz e à pergunta que vem de si mesmo. Lacan (2013) afirma que quem responde a esse apelo que o sujeito sente em si como princípio de individuação é o Outro, reforçando a leitura heideggeriana da linguagem como morada do ser. O código (C) é o que informa ao sujeito o que ele deseja a partir da articulação entre a demanda (a passagem da intencionalidade pelo código a transforma em demanda [necessidade articulando-se linguisticamente]) e o Outro (como lugar da fala), representado por “\$D”. Essa articulação, Lacan (2013) diz ser o *horizonte de ser*.

A esse respeito, questiona-se: a qual pergunta o Outro responde? A que apelo? Essas questões têm sua origem no primeiro encontro do sujeito com o desejo, experimentado como algo estranho, externo, que é o desejo do Outro. Se, para Heidegger (2015, p. 347), “o apelo

é um modo de fala” que fala em silêncio, para Lacan (2013), o que é escutado nesse apelo é uma pergunta sobre o lugar do sujeito no mundo, a posição que ele ocupa como objeto (de desejo dos outros) e como sujeito para os outros e para si. Nesse cenário, quem “apela é a presença em sua estranheza” (HEIDEGGER, 2015, p. 355). Portanto, a pergunta é “o que quer você de mim?”. Mas, paradoxalmente, “o sujeito não pode obter a resposta – porque a única resposta é o significante que designa suas relações com o significante” (LACAN, 2013, p. 45), como se o sujeito estivesse preso em um círculo linguístico que não lhe permite ocupar uma posição externa ao círculo, a partir da qual ele observaria sua própria posição nesse círculo. Todavia, algo o empurra, vindo de além desse círculo.

No pensamento de Lacan (2013), o Outro coloca os significantes que representarão o sujeito; coloca as palavras na ponta da língua do sujeito; e o questionar do sujeito (que o constitui) prossegue como “o que o Outro quer ao dar os significantes x ou y”? Em exemplo grosseiro, o que o Outro (cultura materializada em algumas pessoas significativas das relações) quer ao me colocar como menino, menina, negro, gay, pai de família, feio, bonito etc. Cada substantivo é um adjetivo e um advérbio qualifica o ser humano, substancializa e temporaliza seu modo de ser, põe-no em uma posição temporal como o que foi, o que é e o que será. Conforme explica Lacan:

Se essa experiência do desejo do Outro é essencial é porque permite ao sujeito realizar esse para-além da articulação linguageira em torno da qual gira isto: é o Outro que fará com que

um significante ou outro esteja ou não na presença da fala. Com efeito, até então a bateria dos significantes, entre os quais podia ser feita uma escolha, estava ali, mas apenas em si. Agora, é na experiência que essa escolha se mostra comunicativa, na medida em que está ao alcance do Outro fazer com que um ou outro dos significantes ali esteja (LACAN, 2013, p. 24).

Ou seja, é o Outro que dirá, em princípio, “como devo me comportar para demonstrar que sei ser eu mesmo”. O que poderia sugerir que a subjetividade não é mais do que a cultura corporificada e interiorizada, mas, ao contrário, essa experiência com o Outro não é totalmente genérica e remete à singularidade, pois o Outro precisa se efetivar como prática discursiva concreta, situada. É nesse ponto que o desejo aparece na relação entre o proferimento discursivo em si (os significantes efetivamente proferidos) e o fato de esse proferimento não ser apenas em abstrato, pois habita em um contexto concreto e tem uma ordem determinada dos significantes. A escolha dos significantes e sua ordem pode ser vista como a expressão de algo particular que aponta para o que culturalmente se nomeia como individualidade. Esse apontar da cultura e aquilo que é por ela apontado é o ser sujeito a se formar nesse espaço. O desejo (d) se manifesta na:

[...] hiância que separa a pura e simples articulação linguageira da fala daquilo que marca que o sujeito aí realiza algo dele mesmo, algo que só tem alcance, sentido, em relação a essa emissão da fala, algo que é seu ser – o que a linguagem chama com esse nome (LACAN, 2013, p. 26).

Como explica o autor, é na hiância entre a demanda (a necessidade transforma-se em demanda ao passar pelo código e pela interpretação da cultura) e o que seus avatares a fazem se transformar e a exigência de reconhecimento do Outro que se encontra a experiência do desejo. Nesse processo, a demanda precisa ser formulada *linguagueiramente* e, com isso, é criada a hiância, o espaço vazio que é o sujeito. Mas o desejo é primeiramente vivenciado como desejo do Outro, contra o qual o sujeito está em desamparo, no interior do qual o sujeito deve situar o seu desejo.

Quando o sujeito “diz – Eu sou aquele que sabe que sou. Infelizmente, mesmo que ele saiba que é, não sabe absolutamente nada daquilo que é. Eis o que falta em qualquer ser” (LACAN, 1985, p. 280-281). Assim, o sujeito sabe que é, mas não o que é, não consegue qualificar e determinar o seu ser, sua *quididade*.

O grafo, embora seja rico e ilustrativo, encontra seu limite, pois a estrutura de superfície do grafo “não pode dar conta de momentos onde, por exemplo, o analisando se queixa de ‘estar sempre dando volta em redor de não sei quê’, que está sempre ali” (KRUTZEN, 2018, p. 94). Percebendo isso, Lacan (2013) passa a tratar do *toro*, uma estrutura que consegue representar o aspecto de repetição da pulsão, exatamente aquilo que falta ao grafo. Segundo Žižek (2017), o sujeito constitui-se por uma insistência, um retorno ao mesmo, de modo que a hominização também passa pela parada; isto é, o animal passa ao humano quando é capaz de parar no mesmo, de perdurar, de romper o fluxo do devir e permanecer no mesmo. Mas esse objeto em torno do qual

o sujeito se move é sua própria intencionalidade e animalidade.

Então, o infante se insere na linguagem e começa a falar e agir, mas “será que sabemos o que fazemos? [...] será que sabe ou não sabe o que faz ao falar? O que quer dizer: ele consegue significar eficazmente para si sua ação de significação?” (LACAN, 2013, p. 36). O sujeito, ao falar, sabe o que faz? Lacan diz que a resposta de Freud a essa pergunta é: Não.

3. CONCLUSÃO

Neste estudo, esboçamos um diálogo entre diferentes tradições do pensamento sobre o humano, passando por Dewey, Heidegger e Lacan buscando um ponto de convergência entre suas maneiras de compreensão. Dewey e Heidegger poderiam ficar incompletos sem uma compreensão da tensão insuperável existente entre aquilo que se poderia chamar de aspecto animal da realidade humana e o seu aspecto cultural. Pertencer à linguagem em carne ôntica, como o último diria, para a humanidade significa um completo pertencimento, não resta um dualismo animalidade e cultura, pois a animalidade do humano é sobretudo experimentada como um resto. Entretanto, ter e ser um corpo (substância) significa para o humano que não somos inteiramente escravos do simbólico, não apenas seguimos suas regras, há sempre algo que resiste, que não se inscreve, que leva e se origina de além ou aquém, esse algo é o que individualiza e se expressa no desejo

e na intencionalidade, que tenciona a linguagem. Essa animalidade, essa substância aponta para algo de indeterminado que resiste à sua teorização, aponta para algo ausente e presente, para o *noumenal*, como afirma Zizek (2013), ou para o Real.

Acreditamos ter demonstrado brevemente a utilidade do grafo do desejo como descrição da experiência ontológica com a linguagem, sendo de interesse para diferentes campos de estudo das ciências humanas. Respondemos à pergunta inicial do artigo sobre a relação do humano com a linguagem ao observar que, na base da relação do humano com a cultura, temos a intencionalidade, o impulso, ou o que Lacan (2013) chama de pulsão, que corresponde à animalidade.

Assim, o animal humano não se encaixa completamente na linguagem, não podendo, por isso, relacionar-se com ela de um modo neutro como uma máquina, pois, na medida em que comunica, recebe de volta essa comunicação como uma resposta àquilo que ele é, seu lugar no mundo e em relação aos outros. Isso não significa apenas que o humano é usado pela linguagem, na tentativa de usá-la; mas que, nela, ele se descobre. Assim, este trabalho aponta para um tema de relevo na teoria e política da atualidade: a identidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, João José Rodrigues Lima de. Subjetividade e concepções de linguagem: freudismo, lacanismo e pragmatismo. **Princípios**: Revista de Filosofia, Natal, v. 10, n. 13-14, p. 137-156, out. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/599>. Acesso em: 11 maio 2015.
- ALMEIDA, João José Rodrigues Lima de. O Inconsciente temporalizado O Inconsciente temporalizado. **Tempo da Ciência**, Toledo, v. 23, n. 12, p. 125-146, maio 2005. Disponível em: <http://saber.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/viewFile/438/353>. Acesso em: 11 maio 2015.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3. ed. Tradução Joaquim José de Maura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980
- BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. São Paulo: Rocco, 2011.
- DEWEY, Jhon. **Experience and Nature**. La Salle: Open Court, 1925.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago. 1996.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Wmf Martins Fontes Ltda, 2009.
- GIDDENS, Anthony. **Novas regras do método sociológico**. Lisboa: Gradiva 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.
- KRUTZEN, Henry. **Para uma nova definição do espaço clínico**: Topologia em expansão. São Paulo: Annablume, 2018.
- LACAN, Jacques. **O seminário 1**: os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988a.
- LACAN, Jacques. **O seminário 11**: os quatro conceitos fundamentais. São Paulo: Jorge Zahar, 1988b.
- LACAN, Jacques. **O Seminário 2**: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. **O Seminário 6**: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NAZIO, J.-D. **Cinco lições sobre a teoria de Jaques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

PETRÔNIO. **Satiricon**. Rio de Janeiro: Escala, 1970.

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SOUSA FILHO, Alípio de. **Tudo é construído! tudo é revogável!**: a teoria construcionista crítica nas ciências humanas. São Paulo: Cortez, 2017.

VANDENBERG, Frédéric. Metateoria, teoria social, teoria sociológica. **Cadernos de sociologia**, IESP. UERJ, 15-48, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.

ZIZEK, Slavoj. **Menos Que Nada**: Hegel e a sombra do materialismo dialético. São Paulo: Boitempo, 2013.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento**: uma viagem filosófica através de um conceito. São Paulo: Zahar, 2017.